

# Davos começa mais confiante e mais ansiosa

Pesquisa apresentada no fórum mostra mais otimismo entre empresários, e cai à metade índice dos que temem longa recessão

**Em contrapartida, executivos dizem ser preciso administrar com mais prudência; visão anterior era a de acelerar o ritmo de desenvolvimento**

**CLÓVIS ROSSI**

ENVIADO ESPECIAL A DAVOS

A versão 2010 do tradicional Fórum de Davos, neste ano comemorando 40 anos, começa com a sua clientela principal — os executivos das grandes corporações — afirmando que a crise pode ter amainado, mas deixou uma lição permanente: todos terão que aprender a viver em um mundo cruel, em que “o risco está se tornando um elemento permanente do processo de planejamento estratégico”.

É o que constatou a 13ª pesquisa da consultoria PricewaterhouseCoopers com 1.198 líderes empresariais e funcionários governamentais de mais de 50 países.

Na comparação com a pesquisa do ano anterior, o otimismo sobre o crescimento da receita para os próximos 12 meses aumentou razoavelmente, o que era de esperar ante os abundantes sinais de que o pior da crise já passou.

Trinta e um por cento dos pesquisados disseram-se “muito confiantes” em que a receita aumentará neste ano. No ano passado, no pior resultado em dez anos, eram apenas 20% os que se animavam tanto.

A mudança de humores fica claramente explicada nas respostas a outro item da pesquisa, aquele que pergunta quais as maiores preocupações dos executivos: em 2009, 42% responderam que estavam preocupados com uma recessão global prolongada; agora, a porcentagem cai praticamente à metade (23% exatamente).

Mas a crise deixou uma sequel a nítida: a constatação de que as empresas precisam aprender a viver em um ambiente perigoso, em que os riscos podem surgir de repente.

Disse, por exemplo, Carlos Fernández González, presidente do Grupo Modelo (México): “No início [da crise] estávamos com medo, aterrorizados de muitas maneiras, uma vez que fomos expostos a uma situação que não compreendíamos plenamente. O pessimismo foi de zero a dez”.

Consequência: “Minha percepção é a de que temos que manejar as coisas cuidadosamente, delicadamente”.

Reforçou Kong Dong, presidente da Air China, a empresa aérea de um país que conseguiu crescer mesmo durante a crise e que registrou o melhor número de crescimento na saída dela: “Operação prudente e desenvolvimento sustentável são os fatores mais importantes para o desenvolvimento de uma empresa de excelência. É uma mudança em relação à visão anterior, de acelerar o ritmo de desenvolvimento”.

Consequência inevitável desse ambiente de risco: a pesquisa da PwC acrescentou neste ano um novo elemento, o “índice de ansiedade”.

Mede o nível relativo de preocupação com 20 potenciais ameaças ao crescimento dos negócios. A média global (entre 0 e 100) deu 38,89. Mas há duas surpresas: os menos ansiosos (índice 33,47) são os executivos da Europa Ocidental, cuja saída da crise está sendo mais difícil do que na América Latina. Mas são os latino-americanos os mais ansiosos, depois dos africanos, com índice 46,44 (52,39 na África).

Essa aparente contradição fica reforçada pelo fato de que os pesquisados acreditam ser o Brasil, de longe o país mais importante da América Latina, o que mais vai criar empregos nos próximos 12 meses: 61% dos consultados cravam essa expectativa, ante 59% dos que citam Índia e 53% dos que acreditam que a China/Hong Kong serão as fontes de maior número de empregos.

No capítulo emprego, aliás, uma segunda aparente contradição: reduzir custos continua sendo o item número um da agenda empresarial, preocupação que geralmente significa decepar vagas. Mas essa possibilidade, exercida com vigor em 2009, já não é tão presente: em 2009, 48% adotaram medidas de redução de custos, caminho que apenas 25% dizem que vão seguir neste ano.

Com crise ou sem crise, com mais ou menos confiança, uma coisa não muda na cabeça dos executivos: a rejeição frontal à regulação, por mais que as carências nessa área sejam apontadas com causa da crise.

Diz a pesquisa: “Mais executivos estão extremamente

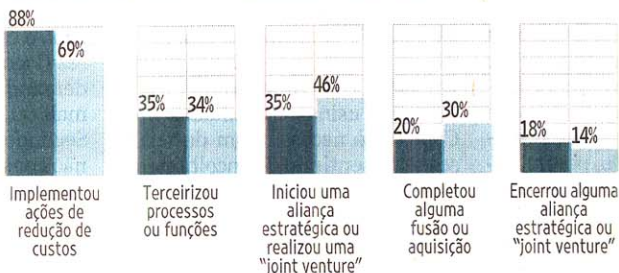
preocupados com sobre-regulação do que com qualquer outra ameaça ao crescimento”. De fato, 60% dos pesquisados se dizem “extremamente preocupados” (27%) ou algo preocupados (os outros 33%) com a perspectiva de sobre-regulação, um eufemismo para qualquer regulação, como deixou claro Alfredo Sáenz, executivo-chefe do Santander: “Mesmo pequenas ‘firewalls’ restringirão a maneira como instituições financeiras distribuem seus recursos globalmente. Proteções contra riscos sistêmicos afetarão a globalização dos fluxos financeiros”.

Detalhe: o levantamento foi feito bem antes de o presidente Barack Obama propor medidas justamente contra riscos sistêmicos na área da banca.

## CORTAR OS CUSTOS É A PRINCIPAL META DAS EMPRESAS

Pesquisa ouviu mil executivos de 50 países

■ Nos últimos 12 meses    ■ Nos próximos 12 meses

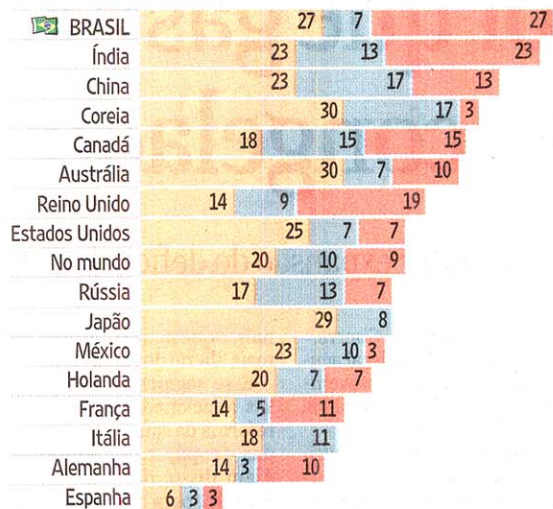


**83%**

dos executivos entrevistados no levantamento esperam financiar seus próximos investimentos com recursos do próprio caixa

### Onde serão criados mais empregos, em %

■ Crescimento acima de 5%    ■ Crescimento entre 5% e 8%  
■ Crescimento acima de 8%



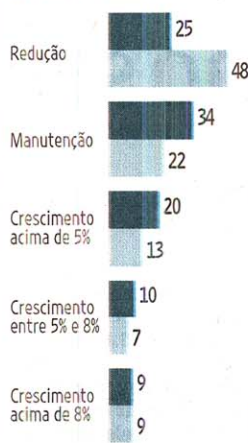
Fonte: PricewaterhouseCoopers

### Mais empresas estarão contratando

Com relação ao número de funcionários, em %

■ Próximos 12 meses

■ Últimos 12 meses



## Lula repetirá apelo por reformas

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O presidente Lula chega amanhã a Davos para defender, nas reuniões do Fórum Econômico Mundial, a reforma do sistema financeiro internacional e da ONU, "para adequá-los à realidade", e a conclusão da Rodada Doha, que logo no começo do mandato do presidente americano Barack Obama parecia que destravaria, mas acabou paralisada novamente.

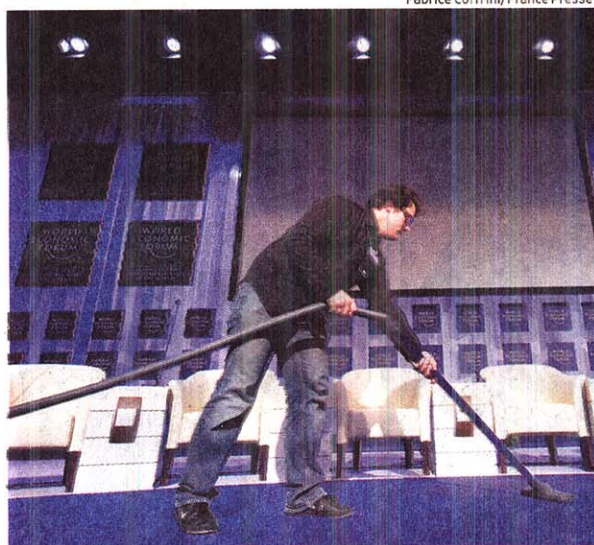
"O presidente voltará a defender a urgência da reforma da arquitetura financeira internacional na busca de lançar as bases de uma nova governança, sem permitir que poucos países tomem a decisões mais importantes para a economia mundial", disse o porta-voz da Presidência, Marcelo Baumbach.

O discurso de Lula no fórum será praticamente o mesmo levado por ele em todas as reuniões do G20 no ano passado, auge da crise mundial. Apesar de bem recebido pelo países mais ricos do mundo, o discurso do brasileiro não foi colocado em prática.

O presidente também falará sobre os programas sociais do governo. Em 2003, quando participou pela primeira vez do Fórum de Davos, disse que o Fome Zero mudaria a vida de milhares de brasileiros abaixo da linha da pobreza. Sete anos depois, com o programa desidratado e praticamente substituído pelo Bolsa Família, dirá que sua política social "tem constituído passo importante na caminhada em direção a um país mais próspero e justo e com projeção ampliada no cenário internacional".

Durante o fórum, Lula irá receber o prêmio Global Statesmanship, entregue pelo ex-secretário geral da ONU Kofi Anan.

(SIMONE IGLESIAS)



Funcionário limpa sala de conferências do fórum, em Davos

Fabrice Coffrini/France Presse